

A VERDADEIRA FRENTE CRUZ | POR MICHAEL EWERT

Posted on 16. Oktober 2020

Os esquerdistas aconchegam-se às forças neoliberais e autoritárias na questão da Corona - e acusam o movimento de liberdade de actividades transversais.

Um ponto de vista de Michael Ewert.

A acusação de uma frente transversal é onnipresente. É rejeitada com a mesma frequência. E com razão? Esta é a questão, porque numa inspecção mais aprofundada é possível chegar à conclusão Sim, temos uma frente lateral, e é de facto uma ameaça à democracia. Exige todos os nossos esforços para o combater. Contudo, são outras forças para além das mencionadas neste contexto que formam uma frente contra os nossos direitos fundamentais. Qualquer pessoa que queira combater o abuso do termo "frente transversal" deve primeiro olhar para as suas origens históricas.

A primeira coisa que devemos fazer é esclarecer do que estamos a falar. Historicamente, a discussão actual refere-se a considerações do Reich Chancellor General Kurt von Schleicher em 1932 para agrupar um espectro de grupos sociais por falta de apoio no parlamento. O ponto de partida não foi a ideia de uma aliança da extrema esquerda para a extrema direita, mas sim a avaliação realista de rótulos que não tinham qualquer significado prático.

As forças-alvo estavam unidas na sua rejeição de uma sociedade liberal-capitalista competitiva e de classe com a sua regra de poderes anónimos e o lamento da proliferação de interesses divergentes. Esta rejeição foi partilhada por muitos, mas não pelas ideias predominantes na frente transversal de von Schleicher sobre como uma comunidade deveria ser estruturada: deveria ser uma espécie de comunidade nacional na qual o indivíduo é bem cuidado - ao preço da sua classificação numa ordem "natural" e autoritária.

A participação planeada de social-democratas de direita não é surpreendente. Eles inventaram a frente transversal, mesmo que o seu pacto com os militares e o Freikorps em 1918/19 não se chame assim. O pacto é considerado tão natural como o ar que respiramos.

Não só Gustav Noske ou Wolfgang Heine, mas todo o aparelho judicial, administrativo e militar encobriu o

que os Reichswehr, Freikorps e Bürgerwehr estavam a fazer. Mesmo as execuções em massa em 1920 no decurso da repressão da revolta pela paz dirigida contra o Kapp Putsch nunca aconteceram, como Harold Pinter escarneceu no seu discurso do Prémio Nobel sobre crimes incommensuráveis para "o nosso bem".

Pela sua contribuição para o fracasso da tentativa de virar a sociedade alemã de pernas para o ar, a social-democracia continua a ser regada com expressões de agradecimento. Mais uma vez, as coisas correram bem e o domínio das aspirações autoritárias foi salvo. Uma jogada engenhosa. O resultado foi um clima em que a orientação dos nazis quase não diferia dos programas da Direita, como Saul Padover registou quando o exército americano atravessou as fronteiras do Reich em 1944 (1).

As considerações de Schleicher não caíram do céu. Correspondiam às correntes dominantes da República de Weimar com o seu defeito de nascença fatal. Um dos actores mais devastadores foi actuar como um pilar central na frente transversal de Schleicher: o Reichswehr, um importante factor de poder de um bloco reaccionário funcionando como um complexo militar-industrial. A negligência do seu papel desastroso é já evidente na banalização das suas acções assassinas após a Primeira Guerra Mundial, exemplificadas por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. A paciência do terror e da violência será sempre encontrada quando a ordem capitalista burguesa está em jogo.

Repressão de toda a resistência

Quando os nazis tomaram o poder, a "atitude apolítica" do Reichswehr provou ser o que era: uma metáfora de deslealdade e aversão aos órgãos estatais. Assim, de acordo com o seu Ministro Geral von Blomberg a 1 de Junho de 1933, estava agora "terminado, e resta apenas uma coisa: servir o movimento nacional com toda a devoção" (2). Mesmo antes do incêndio do Reichstag, o Coronel von Reichenau, chefe do gabinete ministerial, declarou numa reunião de comandantes: "Os boches no Estado devem cair, o que só pode acontecer com terror. O partido tomará medidas impiedosas contra o marxismo. Tarefa da Wehrmacht: Espingarda no calcanhar. Nenhum apoio se as pessoas perseguidas procurarem refúgio com as tropas" (3).

Como marechal de campo do 6º Exército, von Reichenau também ordenou espingardas a pé quando deu às forças de intervenção uma mão livre para matar dezenas de milhares de pessoas no desfiladeiro de Babi Yar

e exigiu a total compreensão dos seus soldados. Defendeu-se contra a acusação do Tenente Coronel Helmuth Groscurth de que os crimes da Wehrmacht contra os judeus "não diferiam em nada (...) das atrocidades do inimigo, que são continuamente anunciadas às tropas" (4). Reichenau chamou a tais comparações "inconvenientes e inexperientes". É sempre "indecoroso e inadequado" expor os traços mais profundos da "normalidade" social, cuja "nova formação" está actualmente a florescer na nossa sociedade.

A objecção crítica de Groscurth pode ser vista como uma revisão sóbria do espírito do edifício central da frente transversal de Schleicher: foi o sentimento fascista, que não significa principalmente racista. O seu verdadeiro encanto reside na sua estreita cooperação com os centros económicos de poder, em benefício de atitudes agressivas tanto a nível externo como, sobretudo, a nível interno. O que se deseja é a repressão de toda a resistência contra estruturas autoritárias e confrontos violentos, que podem ser ensanguentados. Os alvos de ataque são intelectuais críticos, partidos de esquerda e sindicatos fortes. Adolf Hitler, de acordo com Otto Strasser, que deixou o NSDAP em 1930, tinha-se concentrado numa "nova classe dominante (ênfatisada) que está consciente de que tem o direito de governar devido à sua melhor raça, e que implacavelmente mantém e assegura esta regra sobre as grandes massas" (6).

Em tais ideias, os obstáculos à reorganização da política interna e externa de uma regra capitalista nacional devem ser quebrados. Os representantes da indústria alemã terão ouvido bem quando Hitler falou perante o Clube Industrial de Dusseldorf a 26 de Janeiro de 1932 da "escola da disciplina do ferro" para a qual "o nosso povo" deve ser levado, e da conquista de um novo espaço de vida. Não se falava de judeus. Embora tenham sido discriminados e também assassinos desde o início, foram uma minoria nos campos de concentração até à campanha contra a União Soviética. Os esquerdistas, socialmente decadentes, criminosos, deficientes, "ciganos" e homossexuais eram predominantes. Em 1942, 75.000 dos 80.000 reclusos dos campos de concentração eram não judeus (7).

O modelo de fascismo mais complexo

Só quando as acções de extermínio no decurso da aquisição bélica de "espaço vital" no Leste começaram, é que o número de judeus aumentou dramaticamente. Nessa altura, nove anos de terror sangrento já tinham

passado. Foram reprimidos tanto como o assassinato em massa de pessoas 'supérfluas', principalmente eslavos. A auto-percepção dos perpetradores a serem principalmente anti-semitas foi assumida pela política oficial, bem como pela historiografia ortodoxa. Historiadores como Kurt Pätzold, cuja interpretação desviou o foco do racismo puro para um modelo mais complexo de fascismo e o curso dos acontecimentos, foram imediatamente substituídos após o "Wende" por forças fiáveis como Heinrich August Winkler (8). Sabia-se porquê.

As correntes mais profundas resultantes dos interesses dos respectivos centros de poder dominantes não devem e não devem ser trazidas à tona. Não foi um anti-semitismo que foi virulento na sociedade que levou os nazis ao poder. Foi o falhado "novo começo" 1918/19, celebrado como realismo do SPD, que tinha chegado a um fim lógico em 1933. Este fim é meio civilizado para apanhar o pretendente sorrateiro. A sua tentativa falhou porque a posição que tinha previsto para o NSDAP estava fora de questão para Hitler.

Para outros, como os sociais-democratas de direita ou quadros nacionalistas da Federação Geral Sindical Alemã (ADGB), a visão de um modelo autoritário de sociedade em que alegavam desempenhar um papel foi abalada.

Para acalmar as elites do poder na economia e no Reichswehr, esta assombração foi finalmente terminada em 1934, quando a SA foi desempoderada durante a "Noite das Facas Longas" e não apenas Schleicher ou Gregor Strasser da ala "esquerda" do NSDAP caiu vítima de assassinatos. Ao Querfront foi concedida apenas uma vida curta, pouco desenvolvida. Isto não o impede de assombrar a mente das pessoas até hoje, como uma acusação a que foi aspirado ou praticado. Na situação actual, isto não tem qualquer fundamento no que diz respeito às correntes opostas.

A frente transversal de Schleicher deve ser formada por actores com ideias muito semelhantes, ou pelo menos compatíveis, de uma forma social pela qual se deve lutar. Estes não foram "interfaces" na avaliação crítica de pontos particulares, mas sim vastos campos de acção futura sobrepostos. Isto é hoje diferente com os opositores das medidas corona, porque os grupos que aqui aparecem têm apenas uma coisa em comum: eles rejeitam estas medidas.

Unir estes grupos só é possível porque para os apologistas, os "ortodoxos", como George Orwell lhes chamou, verdades a priori a serem reconhecidas, qualquer cepticismo a este respeito indica, a priori, uma posição tão extremista. Todos aqueles que são acusados de a partilhar formam uma unidade nesta visão mundial - tal como os críticos de "reformas", tais como aumentar a idade da reforma, baixar as pensões, "liberalizar" o mercado de trabalho ou de habitação são "populistas" per se, e assim, por meio de alguns truques de rigor, são tudo menos, mesmo "anti-semitas". Estes são curto-circuitos, porque as atitudes negativas em relação ao que quer que seja, não têm significado em termos de conteúdo, segundo o lema: se dois dizem a mesma coisa, não tem de significar a mesma coisa.

Obrigações de solidariedade

Os opositores de sociedades estruturadas capitalisticamente faltam segurança, referência, enraizamento e transcendência, bem como uma experiência de identidade inerente ao ser humano. Deve estar satisfeito, caso contrário corre o risco de ficar louco. Existem diferenças mutuamente exclusivas nas formas de se protegerem contra isto. Uma forma de ultrapassar a reificação das relações sociais, com a sua marca de dinheiro e competição, seria criar laços de humanidade, fraternidade e solidariedade. A história tem mostrado, contudo, que existem muitas soluções alternativas que têm sido desenvolvidas desde a quebra dos grilhões na forma de vida comunitária medieval: Nação, religião, classe, profissão ou estatuto.

Nos reveses da razão e da justiça, o que constitui um laço incestuoso para Erich Fromm para além das restrições sexualizadas é formado. O nacionalismo e o racismo são formas de expressão conspícuas, baseadas numa idolatria do sangue e do solo, que a única segurança para o ser humano assustado é celebrar. Isto resulta na formação prática de uma coexistência que é decisiva para o carácter de um grupo ou movimento. Em comparação, os pontos de contacto periféricos não dizem nada sobre atitudes concretas.

Nos actuais confrontos relativos a ordens de emergência para supostamente combater um vírus, não existe definitivamente uma base comum nas perspectivas sociais, políticas ou geralmente sociais entre a grande maioria dos participantes e um punhado de free-riders radicais de direita para a direita.

Naturalmente, são feitos todos os esforços para construir ligações. Para este fim, as pontas soltas são atadas umas às outras. Isto é completamente arbitrário. Não há sequer alianças consideradas, muito menos discussões ou mesmo conversações preliminares neste sentido.

Se ainda existe a fantasia de uma frente transversal, é apenas porque a posição contrária tem de ser difamada por falta de argumentos reais. É a propaganda que é necessária porque o que está em jogo é alto. Conduz rapidamente ao desespero profundo e ao pânico aberto. A população já intimidada não deve cair em si, e muito menos na ideia de que centenas de milhares estão a expressar o seu estado de espírito. Com instinto seguro, os ataques não visam um padrão geral nas atitudes básicas. Mas foram eles o tecido a partir do qual a frente transversal histórica foi tecida.

Neste contexto, seria aconselhável avaliar o movimento contra as medidas Corona de forma realista e não dar rédea solta às fantasias sobre um quase colapso da RFG, um fim iminente do "regime Merkel" ou paralelos às condições na RDA em 1989. Não há pré-requisitos relacionados com a consciência, organização ou política para tal. O fim da RDA veio não só com manifestações de massas, mas também com novas bandeiras alemãs e décadas de doutrinação de um mundo de consumo colorido.

Por detrás destes estavam ilusões grotescas, mas representavam um poder representativo e agarravam o povo. Os paralelos com os nossos dias são bastante sóbrios: como nos corredores da devastação de todas as raízes económicas, culturais e sociais dos cidadãos da RDA, o quadro da acção social é novamente estabelecido por órgãos autoritários doutrinadores e actantes na política, economia e meios de comunicação social. A ideia de uma nova constituição no Outono de 2020, incluindo novas eleições, como se ouve agora ocasionalmente, não soa mal. Mas onde estão as forças cujas ideias expressas num tal projecto alternativo estavam a pressionar para serem concretizadas?

A tarefa para o futuro

De que serve tudo isto quando uma maioria da população, embora não apoiando entusiasticamente a ordem estabelecida, incluindo o sistema partidário, nem sequer começou a pensar, quanto mais a desenvolver, um contra-poder concreto para o poder esmagador do terror político-económico, que está a

afastar todos da sua mente. Esta contra-potência nem sequer está agora à vista. Iniciá-la é a tarefa que se avizinha para o futuro próximo. Tudo o resto está a mudar.

Evidentemente, a suposição de que temos uma frente transversal não pode ser descartada. Se recordarmos o modelo histórico, vemos inúmeros indivíduos, partidos, organizações, instituições, associações industriais, os seus meios de comunicação social, que, por todas as diferenças nas ideologias que representam, caprichos folclóricos na sua auto-representação e legitimações florais das suas aspirações apodrecidas, têm um amplo consenso básico sobre como uma comunidade deve funcionar - pelo que o "funcionamento" já fala muito.

A aceitação de um Estado autoritário é dominante em todo o lado, que supostamente é capaz de assediar, intimidar e enviar a população para a ruína existencial através de decretos à vontade, sem quaisquer dados baseados em provas - em que as vítimas de presunção totalitária sob ameaça de medidas coercivas policiais e judiciais, bem como de intimidação moralizante - à la "No endangerment of the life of others! - são obrigados a obedecer a uma obediência rigorosa.

O fim destes exercícios de servilismo congelado por choque não está previsto. Em relação a uma "vacina" a ser desenvolvida de forma criminalmente acelerada, altamente perigosa e no seu efeito questionável, este fim é mencionado na melhor das hipóteses casualmente - como uma possibilidade ("se todos forem bons...").

A frente transversal dos defensores desta ordem não surgiu e não surge porque uniria os opostos, mas porque estes opostos não existem. Tal como no modelo histórico, só estão presentes nas opiniões expressas de forma impressionante, mas não nas convicções elementares.

O terreno comum no parlamento vai desde a AfD (pelo menos no sentido programático geral), CDU/CSU, FDP, o partido Bündnis90/Die Grünen, SPD ao partido Die Linke, nos meios de comunicação social do FAZ, SZ, taz, junge Welt ao DIE ZEIT, Der Spiegel até aos jornais das províncias do interior - as exceções são, tanto quanto se pode ver, o Freitag, o Flensburger Tageblatt de 29 de Fevereiro de 2020 (9) e,

notavelmente, pelo menos a 6 de Setembro de 2020 Die Welt (10).

A linha da frente do ataque inclui todas as emissoras públicas e privadas - os assaltos só tiveram de ser gravados sob a forma de um programa com Wolfgang Wodarg, seguido de uma entrevista pelos espectadores na ZDF no início de Março (11) e pouco depois, após a qual se chegou ao final, uma entrevista em rbb com Katharina Mölling, pela qual o director já tinha pedido desculpa antes de Mölling ter terminado o seu discurso (12). Sem esquecer a legião de "verificadores de factos" com orçamentos de milhões, bem como os institutos de investigação dependentes dos governos federal e estatal, sobretudo e notoriamente notórios como os seus patrocinadores e fontes de financiamento do Berlin Charité e do Instituto Robert Koch.

O seu homónimo foi a opinião: "A bactéria não é nada, o hospedeiro é tudo! Hoje em dia é o contrário. Um vírus contaminou todo o pensamento. O que poderia servir para reforçar o sistema imunitário está aberto ao desprezo, ao desprezo ou mesmo à destruição. É como trancar toda a gente e deitar fora as chaves - chaves para um controlo eficaz e sustentável das infecções, em benefício da humanidade. A sua ruína está na agenda da frente transversal dos centros de poder hostis de hoje e dos seus agentes ideológicos. A sua ruína está na nossa agenda. Temos de trabalhar nisto. Trata-se de nós e da forma como queremos viver.

Fontes e comentários:

Saul Padover, polígrafo. Interrogatórios na Alemanha derrotada 1944/45, Frankfurt a.M. 1999

(2) Citado de Helmut Krausnick, Die Wehrmacht im nationalsozialistischen Deutschland, in: Martin Broszat/ Horst Möller (eds.), Das Dritte Reich. Estrutura de poder e história. Palestras do Instituto de História Contemporânea, Munique 1983, 188

(3) citação ibid., 187

(4) citação após Raul Hilberg, perpetrador, vítima, espectador. Exterminação dos judeus 1933-1945, Frankfurt a. M. 1992, 75

(5) s. Krausnick, ibid., 187ff

(6) Otto Strasser, presidente ministerial ou revolução? Um relato verdadeiro da minha separação da NSDAP, Berlim 1930, citado de Jan Petersen , Rückfall in die Barbarei, in: Friedemann Berger/ Vera

Hauschild/ Roland Links/ Sigrid Bock (Ed.), In jenen Tagen... Escritores entre o fogo do Reichstag e a queima de livros. Com um prefácio de Jürgen Kuczynski, Leipzig/ Weimar 1983, 445

(7) s. Nikolaus Wachsmann, KL. A History of the Nazi Concentration Camps, Nova Iorque 2015 The History of the Nazi Concentration Camps, Munich 2016], citado por Adam Kirsch, The System. Duas novas histórias mostram como funcionaram os campos de concentração nazis, New Yorker, 6 de Abril de 2015

<http://www.newyorker.com/magazine/2015/04/06/the-system-books-kirsch>

(8) s. apenas Pätzold, a história não conhece misericórdia. Memórias de um historiador alemão, Berlim 2008, 190ff

(9) Wolfgang Wodarg, Resolver o problema da coroa: isolar os criadores de pânico

(10) ver Stefan Aust, ...porque não sabem o que estão a fazer (onde "não" está escrito sobre um fundo colorido - como indicação, por assim dizer, de que não faz necessariamente parte da frase), Welt am Sonntag, 6 Set. 2020

(11) frontal21, 10 de Março de 2020 <https://www.wodarg.com/video-audio/>

(12) rbb radioeins, 19 de Março de 2020

<https://www.bing.com/videos/search?q=mölling+rbb&docid=608017225768174326&mid=5C5435DFF1C2E03550045C5435DFF1C2E0355004&view=detail&FORM=VIRE>

Michael Ewert, nascido em 1947, tem um doutoramento em história e vive em Munique.

+++

Este artigo apareceu pela primeira vez em 10 de Outubro de 2020 em [Rubikon](#)

+++

Nota sobre o artigo Rubikon: O texto seguinte apareceu pela primeira vez em "Rubikon - Magazin für die kritische Masse", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Jaz_Online / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK